

A educação como motor do desenvolvimento

JORGE WERTHEIN

Poucas vezes, como nos dias de hoje, a questão educacional participou com tamanha intensidade da pauta de preocupações dos que decidem ou estudam os caminhos e os destinos da Humanidade.

Até a década de 70 reinava entre nós uma elevada dose de "otimismo pedagógico", que associaava de forma estreita e imediata educação e progresso, ensino e desenvolvimento. Esta associação fundamentava-se num conjunto de evidências claras: países que investiam pesado em educação, e a levavam a sério, como os EUA, a França, a Inglaterra, o Japão, a Alemanha etc., apresentavam elevados índices de crescimento, configurando o "mundo desenvolvido". Era o período hegemônico da Teoria do Capital Humano de Shultz: educação não é gasto, é investimento para o desenvolvimento.

Desde diversos âmbitos do espectro geográfico e ideológico esta visão começou a ser violentamente bombardeada. As teorias reprodutivistas de Bourdier e Passeron ganharam força no mundo. Desde um outro extremo do espectro, diversos estudos empíricos (Relatório, Coleman, Plowden, na Inglaterra etc.), também se encarregariam de mostrar a virtual independência entre o que acontece na escola e os destinos individuais ou coletivos. Começava um longo período de "ceticismo pedagógico", reforçado por algumas evidências da geografia política internacional: países ricos em petróleo, sem estoque de recursos humanos e sem investimentos em educação, estavam crescendo rapidamente; outros países, como o Brasil, também com elevadas taxas de crescimento, eram muitos parcos em seus investimentos educacionais. Desde estas perspectivas, para que se preocupar com educação, especialmente a educação básica?

Vários fatos acontecidos nos últimos anos se ocupariam de desmentir estes pressupostos, gerando uma verdadeira redescoberta da centralidade da educação, especialmente a educação básica, para o desenvolvimento:

1. Os países ricos em petróleo, ou com baixos investimentos educacionais, não conseguiram sustentar seu crescimento;

2. Países desenvolvidos, como EUA e Inglaterra, com problemas em seus sistemas de ensino, estiveram dando tropeços em seu desenvolvimento;

3. Diversos países, especialmente os do Sudoeste

te Asiático, que, partindo de uma situação relativa atraso, na última década apresentaram notáveis índices de crescimento, são países que, coincidentemente, fizeram uma aposta séria e sistemática na sua educação básica. Não é casual que, em todos os estudos comparativos internacionais recentes, crianças desses países apareçam sempre nos primeiros lugares quando se trata de competências cognitivas nas áreas de matemática ou de ciências;

4. Pressionados pela globalização e pela interpenetração da economia mundial, que introduz forte componente de eficiência e elevada dose de competitividade na esfera da produção industrial e dos serviços de ponta, as empresas iniciaram violento processo de modernização tecnológica, tanto na composição orgânica de seus capitais quanto nos modos de organização, junto com a rápida incorporação dos avanços tecnológicos no mundo produtivo.

"A fábrica não é mais aquela", escreveria recentemente um bom amigo meu, referindo-se às pro-paladas mudanças que estão acontecendo no mundo da produção e do emprego: o torno substituído pelo controle numérico, a calculadora pelo computador, o trabalho braçal pela automação e a robótica. E isto está gerando, no mundo do trabalho, drásticas e sensíveis mudanças. O operário padrão, competente e disciplinado, detentor de um reduzido leque de habilidades e saberes especializados, mesmo que analfabeto, está sendo deslocado, cada dia mais. Mais do que de emprego, hoje se fala de "empregabilidade", isto é, de um conjunto de condições para se inserir no mercado de trabalho. E dentro deste conjunto de condições, figura, de forma destacada, uma boa e flexível educação básica.

Esta nova "centralidade" da educação básica nas estratégias de desenvolvimento, tanto dos países desenvolvidos quanto em desenvolvimento, nos permite explicar:

— A onda de reformas educacionais que está acontecendo no mundo todo (Inglaterra, EUA, França, Espanha, Portugal, Brasil, Chile, Argentina etc.);

— O crescente envolvimento de empresas com a melhoria do desempenho pedagógico das redes públicas de ensino;

— A crescente preocupação e centralidade atribuída, nos planos nacionais e internacionais, às questões relativas à eficiência, qualidade e equidade do ensino básico; e

— A enorme expansão de sistemas nacionais de avaliação da qualidade do ensino ministrado.

Nos últimos anos, tanto na América Latina, onde o Brasil aparece como um dos mais claros exemplos, quanto no mundo todo, avançamos enormemente nas grandes metas traçadas pela Unesco em Jomtien: na universalização do ensino fundamental, na diminuição do analfabetismo, na montagem de sistemas de avaliação do ensino em todos os níveis. Mas temos ainda pela frente enormes desafios educacionais se realmente queremos enveredar pelas trilhas do desenvolvimento humano sustentado, desafios que se relacionam com a qualidade e a eficiência de nossos sistemas educacionais e, fundamentalmente, com os enormes desequilíbrios sociais e geográficos. Penso que estes são nossos desafios e nossas tarefas atuais.